

Crenças e atitudes linguísticas no uso dos róticos de professores e professorandos de Jacarezinho - PR

Luiz Antonio Xavier DIAS¹

Resumo: As escolhas fonéticas que são realizadas por um indivíduo em uma comunidade de fala geralmente são rotuladas de forma positiva ou negativa, demonstrada por atitudes linguísticas. Tendo como base a metodologia da Sociolinguística Variacionista, o presente trabalho tem por objetivo avaliar as crenças e as atitudes de professores e alunos da Universidade Estadual do Norte do Paraná, *campus* Jacarezinho em relação à utilização de róticos em coda silábica. Para tanto, foram entrevistados quatro informantes de Jacarezinho-PR, dois professores e dois alunos e, posteriormente foi realizado o registro, a descrição e a análise das variantes do /r/ em coda silábica. Na sequência, analisamos as respostas dadas por esses informantes a perguntas específicas sobre crenças linguísticas. Por fim, constatamos que a maioria dos entrevistados é fiel a suas origens e não disfarça a variante que produz, todavia, ainda estão recheados de preconceitos e crenças de um falar “melhor” ou “pior”.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas; Variedades linguísticas; Róticos.

Abstract: Phonetic choices realized by a person in a speech community are usually labeled in a positive or negative way, demonstrated by linguistic attitudes. Based on the methodology of Sociolinguistics Variationist, this article aims to assess the beliefs and attitudes of teachers and students from “Universidade Estadual do Norte do Paraná”, *campus* Jacarezinho regarding the use of rhotics in coda. Were interviewed four informants from Jacarezinho-PR, two teachers and two students. Afterwards, the record was done, the description and analysis of the variants of / r / in coda. Then, we analyze the answers given by the informants from specific questions about language beliefs. Finally, we note that the majority of the interviewed are faithful to their origins and does not disguise the produced variant, however, they are still filled with prejudices and beliefs about a “better” or “worse” speech.

Key-words: Beliefs and linguistics attitudes; linguistics varieties; Rhotics.

Considerações Iniciais

A partir da base teórica pautada nos fundamentos da Sociolinguística Variacionista de Labov (1974), nos estudos teóricos e práticos de Aguilera (2008), Botassini (2009, 2011), Santos *et al* (2010); Silvia-Poreli (2010), Pastorelli (2011) e Silva (2012), apresentamos o resultado de pesquisa que procurou investigar crenças e atitudes linguísticas de professores e alunos do Curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná, *campus* Jacarezinho.

O presente trabalho é, também, fruto de reflexões advindas

¹ Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – PR. Docente do Curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná – Campus Jacarezinho – PR. Correio eletrônico: laxdias@uenp.edu.br.

da disciplina *Pesquisa Sociolinguística*, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, e visa investigar algumas crenças e atitudes linguísticas de professores universitários e alunos em formação inicial, quanto ao uso de róticos em coda silábica. O corpus foi dividido em entrevistas narrativas, descritivas, questionário fonético-fonológico, leitura e questões que investigam as crenças e atitudes linguísticas de dois professores universitários: um homem e uma mulher e dois alunos em formação inicial: um homem e uma mulher, todos do Curso de Letras da IES em apreço. Além disso, o foco inicial é observar as diversas formas de realizações do /r/: /ɾ/ **retroflexo**, /r/ **tepe**, /x/ **velar**, /ø/ apagamento e **R rótico** (típico da fala caipira em início de frase).

Cabe destacar que os estudos sobre as crenças e atitudes linguísticas são importantes, pois possibilitam compreender e detectar, entre outros aspectos, os fatores de mudança linguística, os preconceitos linguísticos em relação às variedades linguísticas e aos seus falantes, os quais podem contribuir para a desvalorização de variedades dialetais e, por extensão, de marcas de identidade. Isso pode, por exemplo, levar algumas pessoas a mudar seu modo de falar deliberadamente, a fim de sugerir origens sociais ou regionais que, na verdade, não possuem.

Interessa-nos nesta pesquisa (i) verificar se os professores e estudantes de Letras da UENP têm crenças e atitudes de preconceito em relação a sua fala; (ii) detectar o rótico predominantemente utilizado pelos falantes do corpus em apreço; (iii) verificar em que medida essas crenças podem prejudicar os professores e alunos em sua possível formação; (iv) constatar se os moradores de Jacarezinho-PR são infieis ou não a sua variante típica.

Na primeira seção, abordaremos a fundamentação teórica sobre crenças e atitudes linguísticas, sua filiação teórica e definição. Na segunda será descrito o método de análise e as características dos informantes em foco. Na terceira serão expostos os dados mais importantes das entrevistas realizadas e a contextualização das atitudes linguísticas desses informantes e, enfim, apresentaremos as considerações finais e as referências da pesquisa.

Crenças e atitudes linguísticas: apontamentos teóricos

Botassini (2011, p. 69) destaca que os estudos sobre atitudes linguísticas tiveram início, segundo Uflacker e Scheneider (2008), na área da Psicologia Social, a qual, até a década de 60, servia-se da linguagem somente para obter dados, não se interessando por seu aspecto sociocultural e por questões sociolinguísticas. Posteriormente, coube a Wallace Lambert (1967), precursor dos estudos sobre atitudes linguísticas, a preocupação com os aspectos social, ideológico e cultural da linguagem, tornando mais complexos os estudos da diversidade linguística na área da Sociolinguística.

Fernández (1998) assevera que a atitude linguística é a maneira como a língua é referida e usada pelas pessoas na sociedade, ou seja, a atitude social de cada indivíduo a respeito da língua. Calvet (2002, p. 65) procura mostrar que a relação entre o falante e sua língua nunca é neutra. O autor argumenta que "existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam" (CALVET, 2002, p. 65).

Aguilera (2008), também preocupada com o assunto, assinala que a atitude é uma manifestação dos indivíduos dentro do meio social, para mostrar suas "preferências e convenções" dentro desse meio:

A variedade lingüística pode ser interpretada como um traço definidor da identidade do grupo (etnia, povo) e, desse modo, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode, na realidade, ser uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos indivíduos usuários dessa variedade, uma vez que as normas e marcas culturais de um grupo se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo (AGUILERA, 2008 p.317).

Nesse sentido, as crenças têm um papel muito importante na sociedade, pois auxiliam os falantes ativos da língua em sua "consciência linguística" para as alterações de códigos e uso de línguas alternadas, além de ajudar os pesquisadores em suas investigações sobre o uso e aprendizado de uma ou mais línguas.

Outra importante estudiosa sobre o assunto é Blanco Canales (2004), pesquisadora que dividiu o estudo das atitudes em duas linhas, a mentalista e a condutista. A primeira está relacionada às respostas que o indivíduo tem em mente e escolhe para as situações

específicas que foi condicionado, já a segunda diz respeito a uma atitude (comportamento) em que a resposta é uma conduta frente a um estímulo que a pessoa recebe dentro da situação social.

Nesse sentido, Aguilera (2008), com base em Lambert, afirma que:

A atitude se constitui de três elementos que se situam no mesmo nível: o saber ou crença (componente cognoscitivo); a valoração (componente afetivo); e a conduta (componente conativo), o que significa dizer que a atitude lingüística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, seus afetos e suas tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolingüística (AGUILERA, 2008, p.319).

Sob tal enfoque, as crenças são os saberes adquiridos pelo indivíduo do meio externo, de instituições, como a escola, a família, a sociedade, e é um dos componentes que constituem a atitude. Para Gómez Molina:

O componente cognitivo é, provavelmente, o de maior peso específico; nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes: consciência lingüística, crenças, estereótipos, expectativas sociais (prestígio, ascensão), grau de bilingüismo, características da personalidade, etc; este componente conforma, em grande medida, a consciência sociolingüística (GOMES MOLINA, 1998, p. 31).

Outro aspecto importante sobre as crenças e atitudes são as seguranças e inseguranças lingüísticas. Para Calvet (2002, p. 72), a insegurança lingüística existe "quando, por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar, quando consideram sua norma a norma". Assim, tratamos, nesse contexto, daquelas pessoas que acreditam falar segundo os padrões impostos ou que acreditam ser a sua variedade a mais bonita/correta, devido a isso, sentem-se seguros em relação à forma como se comunicam e apresentam, geralmente, fidelidade lingüística em relação à sua língua ou dialeto. Diante disso, a insegurança, na ótica de Calvet (2002, p. 72), existe "quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizado e têm em mente outro modelo, mais prestigioso".

Nesta direção, concordamos com Aguilera (2008), Calvet (2002) e Branco Canales (2004), que o estudo de crenças e atitudes lingüísticas são relevantes para conhecermos pessoas que muitas vezes disfarçam sua fala para parecerem outras pessoas.

Na próxima seção, serão expressos aspectos metodológicos da pesquisa.

Aspectos metodológicos

Com base em estudos teórico-práticos de Botassini (2009), a qual realizou trabalho semelhante com informantes maringenses, o *corpus* deste trabalho é composto por dados coletados da fala de quatro informantes residentes na cidade de Jacarezinho-PR.

A região em apreço é a mesorregião do Norte Pioneiro Paranaense, formada pela união de 46 municípios agrupados em cinco microrregiões, com uma população de aproximadamente 542.910 habitantes. Essa região abriga 5% da população do estado. Especificamente, a análise se atentará a Jacarezinho-PR, cidade que contempla 39.580 pessoas, segundo dados do IBGE 2010. A cidade fica num ponto equidistante de São Paulo e Curitiba (400km). Sua riqueza maior provém do setor agropecuário e de prestação de serviços. As primeiras tentativas de colonização conhecidas datam do século XIX. Constitui-se um dos primeiros polos de desenvolvimento agrícola do estado, e sua colonização foi realizada por fluminenses, paulistas e mineiros. A riqueza provém, ainda hoje, do setor agropecuário. Vale ressaltar que esta pesquisa observa alunos e professores da UENP – Universidade Estadual do Norte Pioneiro.

Nos meses de abril a maio de 2013, entrevistamos dez informantes, dos quais escolhemos aleatoriamente quatro, sendo dois professores — um do sexo feminino e outro do masculino, e dois alunos, também um homem e uma mulher.

Em relação aos critérios para a escolha dos informantes, eles deveriam ser: nascidos em Jacarezinho-PR, residir na cidade a, no mínimo, uma década, ter entre 18 a 50 anos, ter formação superior ou estar cursando o Ensino Superior e ainda ter algum vínculo com a UENP campus Jacarezinho e ainda, com o Curso de Letras.

As oitavas foram produzidas pelos informantes e gravadas em áudio digital, depois foram transcritas e tabuladas sem auxílio de programas. Os informantes foram ouvidos nas dependências da Universidade Estadual do Norte do Paraná, na sala dos professores e nas salas de aulas (após as aulas). Além disso, foram contatados

informantes que o pesquisador já conhecia de alguma forma, tendo contato com eles/elas quando ministrou aulas ou ainda professores que eram colegas de trabalho.

Os dados da fala foram obtidos por meio de conversação gravada que, posteriormente, foi transcrita. Cada entrevista durou, aproximadamente, 30 minutos. Participaram da conversação apenas o entrevistador e o entrevistado. O tipo de conversação utilizada foi a dirigida, em que seguimos uma ordem e um conteúdo planejado, com o objetivo de obter a maior quantidade de dados úteis no menor tempo possível (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 30).

Dividimos a entrevista em cinco partes: 1) narrativa; 2) descritiva; 3) questionário fonético-fonológico; 4) leitura; 5) perguntas específicas para avaliar crenças e atitudes linguísticas. As quatro primeiras partes foram estruturadas de forma a conseguir um contexto favorável à utilização de róticos em posição final de sílaba, ou seja, em coda silábica e também a possibilidade de verificação da utilização do R retroflexo, típico da fala caipira. A última parte foi destinada a verificar a forma como os informantes avaliam algumas variedades linguísticas (positiva ou negativamente).

A divisão da entrevista em parte narrativa, parte descritiva, questionário e leitura pretendia obter diferentes graus de formalidade na entrevista, indo desde a situação mais informal, menos estruturada, até chegar à situação mais formal e mais controlada. Na narrativa, solicitava-se ao informante que contasse um fato de sua vida que o tivesse marcado ou por ter sido muito triste, ou muito alegre, ou engraçado, ou que tivesse suscitado medo.

Nos minutos iniciais da entrevista, o informante ficava um pouco tenso, "policiando" os róticos que saíam forçados; mas aos poucos sua fala saíria mais natural. Na parte descritiva, solicitava-se ao informante que descrevesse um trajeto do ponto onde estava até a sua residência. A terceira parte da entrevista consistiu em aplicar um questionário fonético-fonológico com 20 questões, às quais não tinham apenas róticos mas várias outras formas como alçamento da vogal final a fim de que o informante não se "policiasse", porém dessas vinte analisamos apenas dez. Por orientação do entrevistador, o informante deveria responder com uma só palavra. Tal procedimento é necessário para que o entrevistado não perceba o real propósito da pesquisa,

que era analisar prioritariamente a trava silábica.

Todas as questões foram retiradas do questionário fonético-fonológico do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Escolhemos, entre elas, aquelas que propiciavam respostas com rótico em coda silábica, por exemplo: *Quando se comete uma falta grave, o que é que se pede a Deus? (perdão). Para limpar o chão, o que é preciso fazer? (varrer). No inverno faz frio, no verão (calor).*

Na quarta parte da entrevista, solicitamos ao informante a leitura de um texto curto em verso (*Canção*, de Cecília Meireles) e outro em prosa (*Seis passos para manter sua barriga em forma*, retirado do site corpo perfeito – www.corpoperfeito.com.br).

A quinta e última parte da entrevista correspondia a cinco perguntas para avaliar crenças e atitudes linguísticas dos informantes, a saber: 1. *Como você acha que falam os jacarezinhenses?* 2. *Falam melhor os jacarezinhenses ou os que vieram de outros lugares?* 3. *Entre as pessoas que vieram de outros lugares, quem fala pior?* 4. *Falam igual homens e mulheres? Quem fala melhor?* 5. *Jovens e idosos falam igual? Quem fala melhor?*

Por fim, procedemos à primeira audição para realizarmos a transcrição da fala dos informantes, e, posteriormente, selecionarmos os dados que nos interessavam: róticos em trava silábica.

Realizada a seleção dos dados, procedemos, ao menos a seis audições das entrevistas, ou seja, 80 minutos x 6 = 480 minutos de audição (contando as repetições), para registrar o tipo de rótico utilizado pelos informantes, ou seja, as cinco variantes da variável /r/ que estavam sendo investigadas.

Os dados selecionados de cada informante foram separados em tabelas. Registramos, assim, o tipo de entrevista e a quantidade de cada rótico utilizado. Montadas as tabelas, fizemos a análise quantitativa e qualitativa dos dados.

Dados produzidos pela pesquisa

Ao todo, na pesquisa registramos 618 róticos de quatro informantes, como já anunciado anteriormente, por intermédio de gravações digitais ouvidas e transcritas e posteriormente tabuladas. Assim, apresentamos a seguir os dados dos quatro informantes, que

chamamos de Informante A, B, C e D.

A informante A, do sexo feminino, é formada em Letras, com especialização em Língua Inglesa e Mestrado em Educação e professora Universitária do Curso de Letras da UENP. Nasceu em Jacarezinho-PR onde viveu até os dezoito anos e, após esse período, foi residir com a família no Rio de Janeiro por cinco anos, Curitiba-PR por um ano e Inglaterra por um ano e meio, e, posteriormente a esse período, voltou a residir em Jacarezinho-PR. Quando criança era muito reprimida pelos avós para não usar /r/ retroflexo porque eles achavam essa variável muito “feia”.

O informante B — também professor Universitário do curso de Letras, do sexo masculino, é formado em Matemática, tem formação em Libras, disciplina a qual leciona no curso de Letras. Nasceu em Jacarezinho-PR, onde reside até a presente data.

A informante C é do sexo feminino, tem 19 anos, nasceu em Jacarezinho onde permanece até hoje. É estudante do 3º ano do Curso de Letras da UENP.

O informante D é do sexo masculino, tem 18 anos, nasceu em Jacarezinho-PR onde reside até hoje. É estudante do 1º ano do Curso de Letras da UENP.

No quadro abaixo, a relação de róticos encontrados nas entrevistas:

TOTAL DE RÓTICOS EM TODAS AS ENTREVISTAS						
Rótico	INFORMANTES				Total	Percentual
	A	B	C	D		
ɹ	12	85	78	120	295	48%
r	140	33	16	17	206	33%
x	15	0	0	0	15	2%
ɾ	0	15	14	14	43	7%
ø	5	13	33	8	59	10%
Quantidade	172	146	141	159	618	100%

Quadro 1 – Total de róticos produzidos nas entrevistas

Como podemos constatar no quadro 01, a maior parte dos róticos produzidos em todas as entrevistas foi de retroflexo: 48% dos 618, totalizando 295, o que evidencia a marca linguística da região em

análise. Tal dado já era inicialmente previsto de acontecer, haja vista que os informantes possuíam tais características regionalistas, ou seja, produziam muito o /r/ típico da “fala caipira”.

Cabe destacar que a informante A produziu muitos /r/ tentando disfarçar suas origens, além disso, percebemos pouquíssimas recorrências de /ɹ/ marca do dialeto caipira, somente 12 ocorrências, totalizando menos de 5% do total.

No próximo quadro expomos os dados registrados na parte narrativa da entrevista, o qual impressionantemente ainda apresentou falantes que se “policiavam” durante a realização de suas palavras.

TIPO DE TRECHO DE ENTREVISTA: NARRATIVA						
Rótico	INFORMANTES				Total	Percentual
	A	B	C	D		
ɹ	0	5	5	6	16	46%
r	6	0	1	1	8	23%
x	2	0	0	0	2	6%
ɾ	0	1	1	1	3	9%
∅	0	1	2	3	6	17%
Quantidade	8	7	9	11	35	100%

Quadro 2 – Róticos nos trechos narrativos

Na parte narrativa da entrevista, que consideramos mais espontânea, constatamos a presença de 46% de róticos retroflexos, e 17% de apagamento do /r/ no final de trava silábica. Cabe destacar que a informante A, mesmo em situação mais informal, continuou tentando não manifestar a realização do retroflexo, constatamos aqui um traço de infidelidade linguística a sua origem, pois fixa muito em uma variável carioca. Cabe observar também a presença de duas realizações do /X/ característico do dialeto carioca, na informante A, perfazendo 6% do total.

No quadro 3 apresentamos a parte descritiva da entrevista e os dados de realizações dos róticos em apreço.

PARTE DA ENTREVISTA: DESCRITIVA						
Rótico	INFORMANTES				Total	Percentual
	A	B	C	D		
ɹ	2	10	6	18	36	31%
r	37	5	2	8	52	45%
x	3	0	0	0	3	3%
ʀ	0	3	3	5	11	10%
∅	5	4	4	0	13	11%
Quantidade	47	22	15	31	115	100%

Quadro 3 – róticos em trechos descritivos

Em relação à parte descritiva das entrevistas, cujo objetivo era descrever o trajeto de onde o informante estava até sua casa, verificamos que a informante A fez uma descrição muito extensa, repleta de realizações de róticos e ainda se justificou, pois *professor tem que ter esse cuidado mesmo de ser muitíssimo didático e explicar nos pormenores*.

Ainda no quadro 3, a informante A permanece com a utilização do /r/ não característico do dialeto caipira, ou seja – 45% dessas realizações se deram dessa variável. Todavia, constatamos que os demais informantes permaneceram com a variável retroflexa, marca do dialeto regional. Ademais, os informantes B e C cometeram alguns apagamentos do r final, o que demonstra o policiamento de suas falas o tempo todo.

No quadro 4, é exposto o aspecto quantitativo de realizações durante a leitura:

PARTE DA ENTREVISTA: LEITURA						
Rótico	INFORMANTES				Total	Percentual
	A	B	C	D		
ɹ	10	58	57	86	211	51%
r	83	26	11	6	126	31%
x	10	0	0	0	10	2%
ʀ	0	11	10	8	29	7%
∅	0	8	25	3	36	9%
	TOTAL				412	100%

Quadro 4 – realizações dos róticos na leitura

Em relação à parte das entrevistas que tratam da leitura, o aspecto do retroflexo ainda permanece nos falantes B, C, D — 51%. Já na informante A, há predominância do dialeto carioca — ao usar a tepe, ou seja, ela “polícia” sua fala. Em 103 ocorrências de r da informante A, mais de 80% foram do r marca de dialeto carioca.

Na informante C, houve recorrentemente o apagamento do rótico, o que constata muita a espontaneidade e falta de preocupação em marcar os /r/ no final de coda silábica, como *cantar* > *cantá*.

No quadro 5 há a exposição dos dados obtidos dos informantes ao responderem o questionário fonético-fonológico.

PARTE DE ENTREVISTA: QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO						
Rótico	INFORMANTES				Total	Percentual
	A	B	C	D		
ɹ	0	12	10	10	32	57%
r	14	2	2	2	20	36%
x	0	0	0	0	0	0%
ɾ	0	0	0	0	0	0%
∅	0	0	2	2	4	7%
TOTAL					56	100%

Quadro 5 – róticos no questionário fonético – fonológico

No quadro 5, o que é mais importante destacar é algo já recorrente nos quadros acima, como a recorrência dos /r/ retroflexos nos informantes B, C e D e a tepe na informante A. Ademais, constatamos que a informante A não cometeu nenhum apagamento no final de sílaba. Constata-se que isso é uma marca forte de preocupação linguística e crença no falar “correto”.

Na última parte da entrevista, foram elaboradas cinco questões sobre crenças e atitudes linguísticas, assim como já descrito anteriormente:

1. Como você acha que falam os jacarezinhenses?
2. Falam melhor os jacarezinhenses ou os que vieram de outros lugares?
3. Entre as pessoas que vieram de outros lugares, quem fala pior?
4. Falam igual homens e mulheres? Quem fala melhor?
5. Jovens e idosos falam igual? Quem fala melhor?

Em relação à questão 1, a informante A respondeu de maneira muito taxativa, ou seja, preconceituosa, prevalecendo assim sua própria crença de que o /r/ retroflexo é muito feio, e que a influência da mídia ao diminuir a força de tal sotaque deixou-o com um *ar de cultura*.

para eu ser bem sincera, mudou muito, meus avós sempre corrigiram a fala para a gente não puxar o r, uma das coisas que eu percebi de um tempo pra cá foi das pessoas não puxarem tanto o r, aqui eu percebi que tá mais moderado por conta da televisão, eu que vivenciei a r, um verde, vermelho – não é normal, mudança melhor, deixou o sotaque mais bonito =- com ar de cultura. (Informante A)

Em contrapartida, em relação à questão 1, o informante B demonstrou certo conhecimento de variação linguística, porém, ainda com a credence do falar correto, que advém da imposição da gramática normativa “Fala da forma certa, porém com algumas variações, acredito qui certu”. A informante C relatou que: “Caipira, cheio de metaplasmo”. Não taxou nem de certo, nem de errado e utilizou a nomenclatura da gramática histórica para justificar várias ocorrências da fala, como o rotacismo volta > vorta. Ainda na questão 1, o informante D disse que: “em Jacarezinho se fala bunitu”.

Na questão 2, prevalecem as crenças da informante A, pois ela acredita ainda que o erro linguístico não está só porque a pessoa fala o retroflexo, mas porque não tem cultura:

Você percebe o erro acontece muito mais ao nível cultural, independente da escolaridade, ela pode estar aqui na universidade ela tem um nível cultural baixo, uma fala feia, às vezes *pobrema*, vícios de linguagem. (Informante A).

No informante B, tal crença não é explicitada. Ele afirma que *ninguém fala certo nem errado, porém com algumas variações*. A informante C acredita que quem vem de São Paulo e Curitiba fala certo. Já o informante D misturou alguns conceitos: “Dependi de onde essa pessoa vem, os paulista fala pior, porque é o jeito deles fala, por causa da gíria”.

Na questão 3, a informante A não se manifestou especificamente sobre um lugar que fala certo ou errado, mas reafirmou que as pessoas *com baixo nível cultural não falam bem*.

No questionamento 4, foi unânime entre os quatro informantes de que o homem é muito despreocupado em sua fala, o que faz

transparecer nas gírias, nas "besteiras que falam em situação informal", ou seja, mais uma crença perpetuada na cultura brasileira.

Na última questão sobre a variação etária, também foi unânime, em todos os informantes, a visão de que os mais idosos usam a gramática normativa de maneira mais adequada, e por fim, isso acaba refletindo em sua fala, uma fala mais policiada, cuidadosa, também uma crença já inserida na sociedade do país.

Considerações Finais

Na presente pesquisa, verificarmos que tanto os professores e professorandos ainda têm muitas crenças que se refletem em atitudes muitas vezes preconceituosas, ademais, constatamos que a maior parte dos informantes mantém-se fiel a sua variante linguística típica.

Cabe destacar, também, que os estudos sobre as crenças e atitudes linguísticas são importantes, pois possibilitam compreender e detectar, entre outros aspectos, os fatores de mudança linguística, os preconceitos linguísticos em relação às variedades linguísticas e aos seus falantes, os quais podem contribuir para a desvalorização de variedades dialetais e, por extensão, de marcas de identidade. Isso pode, por exemplo, levar algumas pessoas a mudar seu modo de falar deliberadamente, a fim de sugerirem origens sociais ou regionais que, na verdade, não possuem.

Nesse sentido, sabemos que tanto os estudantes quanto os professores já formados precisam entender as variações linguísticas, ou seja, conhecê-las, para que possam compreender os problemas do ensino com línguas — como o excesso de preconceitos ligados a ela, tornando este ensino-aprendizagem acessível a qualquer um, de maneira efetiva, sem discriminações e preconceitos.

Por intermédio desta pesquisa, aplicada a professores e estudantes do cursos de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná, campus de Jacarezinho, constatamos que a maioria é fiel a suas origens e não disfarça a variante que produz, todavia, ainda estão recheados de preconceitos e crenças de um falar "melhor" ou "pior". Um fato ainda preocupante é em relação a uma informante docente que não aceita o /r/ retroflexo e acaba se policiando o tempo inteiro por acreditar que o uso de um /r/ é condicionado a camadas de riqueza

e pobreza.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: quem fala a língua brasileira?. In: Roncarati, Cláudia; Abraçado, Jussara. (Org.). **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. 1. ed. Niterói: Editora Federal Fluminense, 2008.

BLANCO CANALES, A. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares – Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos róticos. **Signum**. Estudos de Linguagem, v. 12, p. 85-102, 2009.

_____. Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu. **Revista Línguas & Letras**, v. 12, p. 22, 2011.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística, uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Lingüístico do Brasil** – questionários. Londrina: Eduel, 2001.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes linguísticas en una comunidad bilingüe y multidialectal: area metropolitana de Valencia. Anejono XXVIII dela **Revista Cuadernos de Filología**. Valencia, Universitat de Valencia, 1998.

LABOV, William. Estágios na aquisição do inglês standard. In: SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística: teoria y análisis**. Madrid: Alhambra, 1989.

LAMBERT, W. E. A social Psychology of Bilingualism. **Journal of Social Issues**, XXIII, n. 2, 1967.

PASTORELLI, Daniela da Silva. Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato. 2011. 205 p. **Dissertação** (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

SANTOS, Daiane Eloisa dos; CARVALHO, Geovana Lourenço de; TARDELLI, Odiceia Ramos. Crenças e atitudes linguísticas de estudantes de Letras. In: VII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SÓLETRAS - Estudos Linguísticos e Literários. 2010. **Anais...** UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná – Centro de Letras, Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2010. ISSN – 18089216. p. 187 – 196.

SILVIA-PORELI, Greize Alves da. Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita – Pr: um estudo das relações do português com línguas em contato. 2010. 114p. **Dissertação** (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2010.

SILVA, Hélen Cristina da. O /r/ caipira no Triângulo Mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas. 2012. 169 p. **Dissertação** (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
UFLACKER, C. M.; SCHENEIDER, M. N. Atitudes linguísticas e variedades dialetais alemãs. **Revista Uniletras**, UEPG, 2008.

Recebido em 30 de jun. de 2014.

Aceito em 05 de out. de 2014.